

A BELEZA NEGRA FEMININA NO MEIO ESCOLAR

Ana Darque Oliveira dos Anjos¹

Franciele Basílio de Souza²

Resumo

A beleza negra feminina sempre foi alvo de muito preconceito e racismo, isso porque é uma beleza que foge da que é usualmente imposta pela sociedade. A escola, então, passa a ter um importante e decisivo papel no combate ou na manutenção de tais preconceitos e racismo. As atitudes de professoras e professores diante de conflitos envolvendo questões ligadas a grupos étnicos, também é de suma importância para que sejam resolvidos de maneira positiva dentro das instituições escolares. Faz-se extremamente necessário, que as instituições de educação formal promovam em seu cotidiano, ações afirmativas de igualdade entre as/os estudantes e que a beleza de meninas negras não seja vista como algo inferior e que seus cabelos crespos não sejam chamados de “ruim”. Com o resultado da pesquisa fica claro que muitas são as ações positivas, dentro das escolas, de combate ao racismo e ao preconceito contra meninas negras, mas que, em contrapartida, essas estudantes, ainda sofrem com esses problemas.

Palavras-chave: Beleza negra feminina. Racismo. Empoderamento. Escola.

Introdução

Este artigo é oriundo de uma inquietação acerca de como a beleza negra feminina é representada nas instituições escolares. Partimos do pressuposto de que atualmente, identificamos cada vez mais meninas negras assumindo e aceitando sua beleza afro, fugindo de padrões impostos socialmente e tornando-se pessoas empoderadas. No entanto, em contrapartida a essa aceitação, ainda é muito recorrente as atitudes racistas e por consequência excludentes contra essas meninas.

Pesquisamos notícias na internet, voltadas para ações de combate ao racismo dentro das escolas e encontramos muitas matérias negativas, principalmente envolvendo pejoração contra o cabelo crespo das meninas, por outro lado encontramos algumas notícias positivas, as quais destacamos no texto, que mostram ações bem sucedidas de empoderamento e combate ao racismo nas instituições.

O padrão de beleza imposto socialmente determina que ser bela é ter basicamente pele clara, cabelo liso e corpo magro, o contrário disso é visto como feio e precisa passar por transformações estéticas para se tornar mais próximo da padronização estética, tornando-se

¹ Assistente Social pela UNOPAR, Pedagoga formada pela Universidade Estadual da Bahia-UNEB e Graduanda de Licenciatura em Matemática pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia da Bahia-IFBA.

² Pedagoga formada pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Coordenadora Pedagógica na rede Estadual de Educação da Bahia.

então mais aceitável. Estes determinantes do padrão estético acabam por reforçar o racismo contra a beleza negra.

Durante as buscas, utilizamos algumas palavras chaves, como por exemplo, racismo na escola, beleza negra na escola, cabelo crespo na escola, empoderamento de meninas negras, entre outras. De todas as palavras utilizadas, obtivemos mais resultados quando pesquisamos por cabelo crespo na escola. Foram inúmeras as notícias recentes, principalmente de preconceito, contra estudantes negras de várias idades, que não são respeitadas, simplesmente pela cor da pele ou por terem cabelo crespo, por exemplo. Mas, também encontramos resultados que nos mostraram o cabelo crespo sendo utilizado como um instrumento de resistência, beleza e aceitação.

Para a realização deste trabalho elegemos a pesquisa do tipo bibliográfica de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2008), na abordagem qualitativa, o importante é a objetivação, pois no processo de investigação científica é fundamental reconhecer a complexidade do objeto de estudo e rever, de forma crítica, as teorias sobre o tema abordado.

Utilizamos autores/as importantes na fundamentação de nosso trabalho e destacamos Djamilia Ribeiro, que fala de forma simples e clara sobre empoderamento; Nilma Lino Gomes, que discute o cabelo crespo como símbolo da identidade negra e Kabengele Munanga que trata da superação do racismo na escola.

A escola como um espaço de discriminação

Quando se fala em história afrodescendente, é comum que as pessoas entendam que trata-se apenas de um período de extremo sofrimento e veem as negras e os negros simplesmente como vítimas de um sistema escravocrata e descendentes de um povo oriundo de um continente miserável. Tais aspectos construídos e disseminados ao longo do tempo, faz com que a imagem de negras e negros seja vista como algo estereotipado.

Este senso comum resultou em uma desigualdade social e cultural estabelecida entre os grupos de maior poder aquisitivo, compostos, quase que exclusivamente, por pessoas de pele Clara e traços fenotípicos específicos e grupos subalternos formados majoritariamente por pessoas de pele mais escura e traços fenotípicos específicos.

Afrodescendente, negros e negras, em processo de escolarização, tendem a aperceber no dia a dia escolar, que há uma forte rejeição quanto às suas características étnicas, de modo que não se veem representados/as. Nas datas comemorativas, nas estórias infantis ou infanto juvenis, na decoração das salas de aula, a personagem principal é sempre ou quase sempre de pele clara. As princesas e príncipes dos contos de fadas, muito lidos na Educação Infantil, por exemplo, são pessoas brancas e seus/suas subalternos/as são pessoas negras.

Além disso, a forma como a história dos negros e negras do Brasil é contada nas escolas, sobretudo por meio dos livros didáticos, é permeada por uma enorme carga de preconceito e discriminação, pois, além do histórico de povo escravizado, tem suas características físicas e culturais vinculadas a aspectos negativos e inferiores na constituição da sociedade brasileira, de modo que os/as relacionam com a pobreza, o sofrimento, a violência, dentre outros.

É comum que as crianças e adolescentes negras não sejam representadas positivamente nos livros didáticos disponibilizados para as escolas. O usual é que esse material pedagógico represente em suas páginas as pessoas de pele branca e de classe média, de modo que os grupos considerados minoritários em relação aos seus direitos, negras e negros, pobres e mulheres, por exemplo, ainda sejam citados de maneira estereotipada, caricaturada e fora do real. Isso fica claro com a afirmação de Munanga (2005, p. 21) quando diz que:

No livro didático a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência.

Mesmo com todas as mudanças ocorridas no sistema educacional brasileiro, como a implantação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, ainda percebemos poucas mudanças ocorridas no espaço escolar e nas páginas dos livros didáticos. Primeiro, porque as instituições escolares, em sua maioria, abordam a temática em questão apenas superficialmente e pontualmente no dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Segundo, porque os livros didáticos ainda trazem pouco conteúdo sobre a história e cultura afro-brasileira e africana, dando maior ênfase à história e cultura europeia,

por exemplo. Essa realidade é algo muito preocupante, visto que o livro didático, na maioria das instituições escolares públicas, é o único recurso didático disponível para ser utilizado por docentes e estudantes.

As imagens estereotipadas e preconceituosas aprendidas na escola, recaem fortemente sobre as meninas negras, foco desta pesquisa, pois a referência que elas têm são de mulheres negras exercendo cargos e/ou funções subalternos e mulheres brancas ocupando espaços superiores, com maior escolaridade e maior condição financeira. Essas meninas então sentem-se invisibilizadas e acabam se espelhando nessas imagens que estão sendo melhores representadas.

Desta forma, ocorre uma interiorização de que o branco é sinônimo de belo e positivo. Tais valores também são incorporados pelas pessoas de pele branca, repercutindo em comportamento de possíveis relações conflituosas de exclusão. Contudo, as negras acabam passando por um processo de autorrejeição e conseqüentemente negação de sua cor e origem racial. A esse respeito Munanga (2005, p. 25) enfatiza que:

Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico/racial invisibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de autorejeição e de rejeição ao seu grupo étnico/racial.

As meninas negras na escola estão sujeitas a passar por momentos de grandes conflitos por conta de inúmeros fatores, entre eles está a falta de respeito que outras crianças e adultos apresentam em relação às diferenças que existem entre os seres humanos. Assim, quando a menina começa sua vida escolar, ela percebe que é excluída por apresentar um fenótipo característico do povo negro.

O cabelo afro é um dos principais motivos de discriminação que recaem sobre as estudantes negras, pois historicamente, foi dito que o cabelo crespo é “ruim” e o cabelo liso é “bom”, tornando corriqueiras as piadas em relação a essa parte do corpo negro feminino. Além disso, é uma forma de conflito racial entre pessoas negras e brancas, como aponta Nilma Lino Gomes:

O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que

sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (GOMES, 2008, p. 3).

Neste sentido, é comum que meninas negras, desde muito cedo sintam o desejo ou sejam estimuladas a fazerem a utilização de produtos químicos ou passarem por processos nos salões de beleza ou em casa a fim de dar um aspecto de liso em seus cabelos crespos. Tais estímulos partem das pessoas que convivem com essas meninas, das propagandas publicitárias de produtos químicos para alisamento capilar e de chapinhas, até mesmo músicas podem estimulá-las a alisarem seus fios, como é o caso da música da banda baiana Psirico, intitulada Escovadinha, que diz em sua letra:

Oh menina bonitinha do cabelo duro,
 Compre um alisante pra ficar legal
 Se o alisante não der jeito nele
 O Psi vai mostrar como vai melhorar
 Escova, Escova, Escova
 Oi dá uma escovadinha (PSIRICO, 2002)

Outro costume comum é manter o cabelo afro das meninas sempre bem amarrados e arrumados, para disfarçar a textura indesejada dos fios, para evitar que outras crianças as chamem por apelidos constrangedores e, infelizmente, para não serem reconhecidas como representantes da beleza afro.

Muitas vezes as próprias professoras recomendam às famílias que mantenham os cabelos das meninas negras sempre bem presos, reforçando assim, atos discriminatórios e preconceituosos, além de contribuírem para que essas estudantes se sintam cada vez mais rejeitadas e descontentes com sua aparência física. O site Geledes (www.geledes.org.br), publicou uma reportagem em 2018, que noticiava a atitude de uma professora a respeito do cabelo crespo de uma estudante de 4 anos. A docente pediu à mãe da menina, que desse um jeito em seu cabelo, mantendo-o preso ou alisado, para que a criança fosse aceita pelas outras e para que não sofresse mais com os apelidos. De acordo com o site, a mãe repudiou o pedido da professora e a acusou de racismo.

Diante do que foi exposto, fica perceptível que a menina negra no ambiente escolar, acaba tendo dificuldade em se deslumbrar com o seu cabelo crespo, seu nariz largo e com a cor de sua pele. Com a pressão e capitalização dos discursos de beleza e imagens que são reproduzidas diariamente, é possível que ela internalize e subjetive um padrão de beleza, que diverge com os seus traços físicos e por meio dessa referência estética é induzida a construir a sua autoimagem. Ela é violentada pela imposição desse padrão, que para Henrique (2002, p.11) “[...] o seu efeito é danoso, sobretudo pela importância que a valorização estética tem sobre a condição feminina em nossa sociedade”.

A escola acaba, muito frequentemente, exercendo um papel de reprodutora de crenças, padrões, práticas e normas acerca dos estereótipos ligados ao povo negro, repercutindo na forma como as estudantes selecionam suas referências de mundo e conseqüentemente na construção e formação de sua identidade.

Cabelo natural, empoderamento de meninas negras na escola

Durante o processo de pesquisa para construção deste artigo, resolvemos fazer uma busca no Google sobre notícias que envolvessem o cabelo crespo e a escola. Praticamente todos os resultados encontrados faziam menção a fatos de discriminação e preconceito que aconteceram dentro da escola, envolvendo a equipe gestora e/ou docente. Como em um caso veiculado pelo site Geledes, em que uma menina negra, estudante da educação infantil, reclamou com sua mãe que a professora lavava o cabelo de todas as outras crianças, mas nunca o dela. Disse ainda que a professora agia daquela forma, porque seu cabelo era duro, portanto queria alisar os fios e não queria mais voltar para a escola.

Foram poucas as postagens positivas sobre o tema. Vimos muitos casos recentes de escolas que exigiram que meninas negras cortassem, amarrassem ou transassem os cabelos para que parecessem mais apresentáveis e bonitas.

Em menor quantidade, encontramos notícias que contavam episódios positivos sobre o cabelo crespo. Foi o caso noticiado pelo site *Catraca Livre*, de um colégio particular de Aracaju (SE), que em 2017 promoveu o festival “Cabelos Lindos”, evento que abrangeu todas as turmas da Educação Infantil ao Ensino Médio e que teve como objetivo abordar questões como o respeito às diferenças, a valorização da beleza individual e fortalecer a construção da autoestima das crianças e adolescentes da instituição (*Catraca Livre*, 2018).

Com o lema “Meu cabelo não é moda, é identidade. Solte o cabelo e prenda o preconceito”, o colégio foi de encontro com o que usualmente é visto em outras escolas, ou seja, o festival incentivou todas (os) suas/seus aprendentes a usarem o cabelo solto sempre que quiserem. Mais do que um incentivo, talvez, essa ação tenha ajudado no empoderamento das meninas e adolescentes negras daquela escola.

Figura 1: Estudante no festival Cabelos Lindos



Fonte: Portal Catraquinha

O empoderamento, por sinal, vem sendo discutido em diversos setores da sociedade, inclusive nas redes sociais é comum vermos mulheres negras falando neste termo, que por vezes parece até uma palavra da moda. No entanto, é importante que se fale que o empoderamento é algo bem amplo e está ligado a grupos que defendem e lutam pelos direitos não só das mulheres negras, mas de todos os grupos ligados ao feminismo. Isso implica dizer que ser empoderada não significa apenas usar o cabelo crespo, por exemplo, mas sim ser comprometida com uma luta em prol da igualdade e da justiça.

A esse respeito, Djamila Ribeiro, no portal Geledés, afirma que o empoderamento:

[...] Não é a causa de uma pessoa de forma isolada, mas como essa pessoa faz para promover o fortalecimento de outras mulheres com o objetivo de promover uma sociedade mais justa para as mulheres. [...]. O empoderamento não pode ser algo aut centrado dentro de uma visão liberal, ou ser somente a transferência de poder, é além, significa ter consciência dos problemas que nos aflige e criar mecanismos de combatê-lo. Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar outras.

Descrito isto, é fundamental que a escola perceba a importância de ser um espaço de promoção do empoderamento das meninas, sobretudo das meninas negras, pois se trata de uma instituição que pode e deve contribuir para a formação de suas estudantes, preparando-as

para a vida em sociedade e mostrando-as que elas têm lugar de fala. Desse modo as ações afirmativas devem fazer parte do cotidiano escolar e para que estas estudantes se sintam sempre bem acolhidas e acima de tudo respeitadas por todas as outras pessoas integrantes deste meio.

Outra notícia, retirada do site gauchazh.clicrbs.com.br, que nos chamou bastante atenção, foi a respeito de uma ação que aconteceu em uma escola pública de Porto Alegre. No ano de 2016, uma professora de Educação Física, ao perceber que as meninas negras eram estimuladas a estarem sempre com os cabelos presos ou trançados e que elas tinham vergonha de mostrarem seus cachos, resolveu iniciar um projeto ao qual deu o nome de “Poder do crespo e o empoderamento”. De acordo com a educadora o objetivo do projeto é trabalhar o respeito à diversidade através da discussão da temática do cabelo crespo.

Figura 2: Menina participando do projeto Poder do crespo e o empoderamento



Fonte: site gauchazh.clicrbs.com.br.

A professora, que diz ter conhecido o racismo aos quatro anos, com a ajuda de mais três colegas docentes, reúne meninas de 12 a 16 anos para a promoção de debates acerca de temas que normalmente não são debatidos nas instituições de ensino, como gênero, raça e feminismo. Inicialmente, o grupo era formado por doze meninas, sendo a maioria negra, atualmente são vinte integrantes, dentre as quais dois são meninos.

Figura 3: Grupo de estudos do projeto Poder do crespo e o empoderamento



Fonte: site gauchazh.clicrbs

De acordo com a idealizadora do projeto, já é possível ver mudanças significativas no comportamento das discentes. Elas já não usam mais elásticos para amarrar o cabelo e pouco utilizam da chapinha para alisar os fios crespos. Além disso, elas estão ganhando o respeito e o apoio de estudantes brancas e brancos da escola.

Figura 4: Mural do empoderamento



Fonte: site gauchazh.clicrbs

Ações como as que citamos acima, são extremamente significativas para a vida de meninas negras, que desde muito cedo encontram-se expostas ao preconceito e ao racismo. É através do empoderamento que muitas mulheres negras enfrentam e vencem as diversas barreiras impostas pelos padrões estabelecidos socialmente.

Utilizar os conflitos envolvendo o cabelo crespo, pode ser um meio importantíssimo para provocar a reflexão entre toda a comunidade escolar, de modo cause uma revalorização da cultura e da história negra. A esse respeito Nilma Lino Gomes diz:

Revista do Coletivo Seconba, v. 3, n. 1, p. 28-42, nov. 2019.

O cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, é também visto,[...], no sentido de uma revalorização, o que não deixa de apresentar contradições e tensões próprias do processo identitário. Essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence. Ao atingi-lo, acaba remetendo, às vezes de forma consciente e outras não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil. (GOMES, 2008, p. 2).

Neste sentido, cabe à escola o importante papel de, por meio de ações positivas, discutir e combater o racismo, o preconceito e a valorização da beleza negra, sobretudo a feminina, como iremos discutir a seguir.

O papel da escola na (re)significação da beleza de meninas negras

A escola como uma importante instituição social, tem a urgente obrigação de colocar as/os estudantes em contato com os elementos formadores dos diversos grupos étnicos do Brasil, para que elas/eles possam compreender a complexidade de todas essas identidades e, assim, poderem se afirmar não apenas pela característica física preponderante de cada grupo, mas principalmente, por elementos históricos e culturais que são dinâmicos.

É no meio escolar que devemos compreender, desde muito cedo, que somos diferentes e que, do mesmo modo, a identidade de cada grupo étnico apresenta diferenças e que estas devem ser respeitadas. É o que diz SILVA (2000, p. 75) “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferenças são, pois, inseparáveis”. Nesse sentido, negar que somos diferentes, torna-se uma arma perigosa para a manutenção do racismo e do preconceito. Já a aceitação de que não somos iguais, pode ser entendida como uma forma de combate ao racismo e ao preconceito.

Um espaço preponderante para que essa aceitação aconteça é, mais uma vez, o escolar, uma vez que nesse ambiente é perceptível que o racismo gera grandes efeitos e necessita ser combatido desde a infância, pois a construção da identidade positiva da criança negra deve ser construída desde seu nascimento. Assim, a escola tem o dever de discutir tais temas e estimular a autoestima das estudantes de forma que as façam refletir o ser negra de outra maneira, combatendo os estereótipos que ainda continuam sendo reproduzidos em nossa sociedade.

As estudantes negras necessitam participar de aulas que articulem as multiplicidades e pluralidades existentes em cada uma, para favorecer o entendimento e a compreensão da importância da não exclusão e marginalização de seus corpos. Portanto, as instituições de ensino formal, enquanto instituições sociais, têm a atribuição decisiva para que haja a eliminação das discriminações para o empoderamento de grupos minoritários discriminados e a promoção da igualdade ou equidade entre todos os seus pares.

Neste sentido, Rosa Vani Pereira, em seu livro *Aprendendo Valores Étnicos na Escola*, enfatiza que:

A promoção da igualdade pressupõe a construção de um ambiente educativo que favoreça a mudança de posturas e condutas e no qual a convivência pacífica e respeitosa entre as diferenças se torne a base para a construção do conhecimento. (PEREIRA, 2010, p.56)

Vários pontos são importantes para que a escola cumpra seu papel de fazer com que a beleza negra feminina seja vista de uma forma (ressignificada, com um olhar mais amplo e permeado de respeito). Um desses pontos é a formação docente, que é fator primordial para que as discussões nas instituições avancem cada vez mais e se faça presente no cotidiano das/os estudantes.

Utilizando os instrumentos pedagógicos disponíveis e usufruindo de uma boa formação, as/os professoras/es podem acabar com uma considerável parte dos entraves acometidos às populações afro-descendentes que as impedem de viver plenamente a cidadania. Para isso, Pereira (2010) diz que para uma/um docente iniciar um trabalho assim, é necessário que tenha a sensibilidade de olhar para o ambiente escolar e perceber os aspectos que precisam ser trabalhados.

No entanto, pesquisas mostram que a formação do professorado acaba sendo um dos grandes entraves para que o trabalho de combate ao racismo avance. Dentre diversas/os estudiosas/os desta área, que defendem a capacitação de professoras/es, destacamos a historiadora Maria Aparecida da Silva (2001), que diz que um/a profissional capacitado/a estará apto(a) a lidar com questões delicadas, como a utilização de materiais didáticos considerados ruins para esta temática em sala de aula, e afirma também que o despreparo destas/es profissionais acaba sendo um campo fértil para a perpetuação do racismo e da discriminação no ambiente escolar.

É preciso que a/o docente veja estes problemas de forma diferente e os investigue a fundo, de modo que combata o senso comum, para não correr o risco de reproduzir informações falsas e reforçar o preconceito e o racismo entre as/os estudantes. Silva (2001, p. 70) afirma que “[...]o/a educador/a bem preparado/a é um/a multiplicador/a de informações corretas e um fator de alteração contumaz e poderoso das situações de discriminação racial, especialmente no processo pedagógico de ensinar e aprender”.

Outro ponto importante a ser discutido é a necessidade de representatividade dentro das instituições escolares. É comum, ao entrarmos em uma escola observarmos muitos elementos que representam grupos étnicos brancos, de modo que as/os estudantes negras/os não se sintam representados. Tal falta de representatividade vai desde a decoração das paredes das salas de aulas, com a escolha de personagens brancas nos cartazes e painéis de boas vindas, de regras, de aniversariantes, entre outros, até a falta de literatura que contemple a cultura negra.

O estudo superficial da história do povo negro afrodescendente, desde suas origens até os dias atuais, é algo que necessita mudar para que a visão em relação a esse povo deixe de ser negativa e passe a ser positiva em nossa sociedade. É importante que esta abordagem seja feita não apenas em datas específicas ou pontuais, ou ainda, apenas para cumprir o que determina uma lei. Mas, deve ser abordada de forma constante, de modo que se torne um assunto acessível a todas/os.

Pesquisamos sobre boas estratégias de discutir o racismo, a beleza negra, a discriminação e todos os assuntos pertinentes ao tema em discussão e vimos que é possível encontrar inúmeros exemplos positivos que são ou foram utilizados por instituições escolares com a finalidade de desconstruir a visão negativa que se tem sobre a história, a cultura e o corpo negro.

Muitas escolas, sua equipe técnica e docente criam projetos de aprendizagem, utilizam livros de autoras/es negras/os, buscam personagens negras na literatura infantojuvenil, utilizam jogos de origem africana, promovem debates, enfatizam a importante participação e contribuições do povo afrodescendente para a desenvolvimento da humanidade, levam, para sala de aula, exemplos de pessoas negras, que se tornaram personalidade nas mais diversas áreas da sociedade, utilizam poesias, músicas e danças de artistas negras/os. Portanto, as estratégias são muitas e não existe uma receita ou método pronto para ser aplicado na escola. Terminamos este tópico com a reflexão da educadora Isabel Aparecida dos Santos, sobre

como deve ser a ação educativa em prol da libertação de todas as formas de preconceito. Ela coloca que:

A ação educativa deve ser uma “ação cultural” que leve à libertação de todos os educadores e educadoras, de todos os educandos e educandas, de todos os meninos e de todas as meninas, de todos os negros de todos os “não-negros”... libertação de todas as formas de preconceito e discriminação que impedem, a todos, de “ser mais”. (SANTOS, 2001, p. 112)

Conclusão

As questões raciais ainda precisam ser muito discutidas em toda a sociedade e o meio, que talvez seja mais eficaz para essa discussão, é a escola, visto que é um espaço que contempla uma diversificação de grupos étnicos e onde a manutenção da igualdade entre todas as pessoas deve estar sempre presente.

No entanto, e infelizmente, a escola ainda é vista como um espaço que, por muitas vezes, não respeita as diferenças entre suas/seus estudantes e acabam por reforçar o racismo e o preconceito, que por séculos vitimizam as negras e negros de nosso país. Falta, na maior parte do tempo, representatividade para as crianças afrodescendentes e formação da equipe docente e técnica para lidar com esses conflitos.

Durante a pesquisa, constatamos que uma das formas de maltratar as estudantes negras é por meio de seu cabelo crespo. Este continua, de forma muito racista, sendo taxado de “ruim” por muitas pessoas. Muitas são as notícias veiculadas, que mostram escolas pedindo ou exigindo que as famílias mantenham os cabelos de meninas negras bem amarrados ou trançados, para que pareçam mais arrumadas e apresentáveis diante das outras crianças. Percebemos que não são fatos isolados, mas sim fatos que acontecem com bastante frequência.

A falta de conhecimento acerca da história e da cultura negra, acaba provocando em nossa sociedade, uma certa naturalidade em subjugar e inferiorizar os corpos negros diante de corpos não-negros. E isso acontece desde a infância e perpassa por todas as etapas da vida dos indivíduos. Por isso, é necessário que haja algum tipo de intervenção positiva, o mais cedo possível, para tratar desses assuntos e mudar a percepção das pessoas, promovendo a aceitação e o empoderamento das meninas e mulheres negras.

Portanto, é fundamental que as escolas promovam ações voltadas para a aceitação da beleza negra, de forma que essas estudantes construam suas identidades valorizando a beleza própria do ser negra e sintam-se empoderadas. Do mesmo modo, a promoção dessas ações devem atingir as/os demais estudantes e profissionais da instituição, a fim de que possam transformar os espaços dos quais fazem parte, em espaços de igualdade e respeito.

Referências

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra*. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

HENRIQUES, Ricardo. *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas*. UNESCO. Brasília: 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Introdução ao Desafio do Conhecimento*. In **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2003.

_____. *O desafio do conhecimento*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf

PEREIRA, Rosa Vani. *Aprendendo valores étnicos na escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PEREZ, Fabiola. Professora pede para criança de 4 anos prender ou alisar o cabelo, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/professora-pede-para-crianca-de-4-anos-prender-ou-alisar-o-cabelo/> Acesso em: 15 set. 2019.

Portal Catraca Livre, disponível em : catraquinha.catracalivre.com.br/geral/aprender/indicacao/festival-cabelos-lindos - acesso em 25 de novembro de 2017.

Portal Egauchazh, disponível em : egauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/08/professora-cria-projeto-para-empoderar-meninas-em-escola-publica-de-porto-alegre-98814 - acesso em 14 de março de 2018.

Portal Geledés, Disponível em: <http://www.geledes.org.br/oempoderamento-necessario/> - acesso em 19 de fevereiro de 2018.

_____. <https://www.geledes.org.br/tem-racismo-na-escola-sim-e-perguntar-criancas-negras/> - acesso em 10 de setembro de 2019.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. Eliane Cavalleiro (Organizadora). - São Paulo: Sumus, 2001.

SILVA, Maria Aparecida (Cidinha) da. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. Eliane Cavalleiro (Organizadora). - São Paulo: Sumus, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva(org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.